



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GR



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

24 de Setembro de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1762

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradaru@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

É tema maior nos dias que correm, não só entre nós, mas em todas as partes do mundo, a crise económica. A nossa vida sempre teve o sabor de alguma espécie de crise, e sabemos que ela é uma constante na vida do mundo; por isso, não a estranhámos no nosso viver.

A par da crise económica há, actualmente, outras crises não menos importantes que aquela, as quais, não mexendo no imediato na sobrevivência e nos hábitos das pessoas, deixam àquela o lugar de destaque entre todas. Parece-me que a desvalorização das pessoas como seres humanos e a perda da sua dimensão como criaturas de Deus, são os factores mais fortes de que resultam esta e outras crises.

Reversamente, esta crise provoca nas pessoas mais conscientes do sentido comunitário da vida, um estado de alerta para tudo aquilo que acontece com um sentido perverso a este estado de dificuldades, embora o desconhecimento da realidade possa provocar juízos errados.

Foi o que sucedeu com uma nossa Leitora que, acompanhada de um grupo de pessoas, em visita à nossa antiga Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal (deixou de fazer parte da nossa Obra em 2006), vendo, como disse em carta que nos enviou (à qual não pudemos responder porque vinha sem nome e sem morada), fruta no chão junto das respectivas árvores que a criaram, foi «com bastante mau estar que assistimos ao não aproveitamento das laranjas e limões em altura que tanto se fala em crise...».

A realidade social actual está marcada por inúmeros contrastes. Embora venha crescendo o número de pessoas sem o indispensável para as suas necessidades básicas, vem, no entanto, de mais longe uma prática perversa no destino que se dá aos bens essenciais para a vida humana, como é o caso de alimentos excedentários no ramo comercial que são deitados ao lixo, isto como consequência do consumismo que tem sido a filosofia económica das últimas décadas.

Também, por via disto, muitos produtores rurais vêem apodrecer os frutos do seu trabalho porque não têm capacidade para os escoar e, muitas vezes, sem terem ninguém que os vá aproveitar, mesmo graciosamente.

Com tudo isto, ainda que não de forma tão generalizada como no passado, de há quatro décadas para trás, começa-se a recuperar, na educação e na vida, o sentido de poupar tudo o que são bens materiais. Imperioso, também, é recuperar o sentido de os repartir. Poupar só para acumular, seria avareza; gastar sem pensar em repartir, seria desprezo pelos outros. Poupar para viver e repartir, faz do conjunto das pessoas uma comunidade humana que vai instaurando a Justiça. □

SINAIS

Padre Telmo

SÃO hoje homens os gaiatos que em 1963 foram, com Padre Manuel António e comigo, para Angola. Logo a seguir, outro grupo com Padre José Maria, para Moçambique.

Três famílias que, com fracos recursos, fizeram nascer três Aldeias do Gaiato — Benguela, Malanje, Maputo.

Reunimo-nos no fim-de-semana — 10 e 11 — como Família que se ama; e recorda com saudade o nascer e o crescer das nossas Aldeias.

Recordar é viver de novo. Com tanta alegria! Ele é o arroz com carne a fugir..., são as carradas de pedra à noite, para não perder aulas..., é o gindungo na cama do Tavares..., e o feijão maluco na cama do Júlio. Enfim, dois dias de alegria e comunhão.

Alguns já têm netos. Famílias-filhas da nossa Família-Mãe. Ele há verdade! Ele há beleza! Padre Américo viu o caminho. As novas sociedades o deixam e metem pelos carreiros do mato a caminho de penhascos.

Celebrámos a Eucaristia no sábado. Deixei-lhes este pensamento:

— A procura dos bens necessários para vivermos, o desejo de ter mais; a fadiga na procura e ambição de “ter” que domina e prende — serão, por si-só, um sentido de vida? Nada para além — somente viver a vida..., se a Eternidade é uma certeza — o simplesmente viver é um sentido truncado que não leva ao fim.

Falta vivermos a presença amorosa de Jesus no fim de cada um. Então, sim, o caminho certo nos conduz. □



Cruzeiro e casa-Mãe da Casa do Gaiato de Benguela

BENGUELA

Padre Manuel António

Somos a Porta Aberta

PAI Américo quis que o projecto educativo das Casas do Gaiato assentasse sobre a liberdade responsável. É um caminho estreito, mas certo e seguro. Conduz à meta do homem consciente das suas responsabilidades individuais e colectivas. A sociedade necessita, cada vez mais, de gente desta categoria. Como pode o educador, sejam os pais ou outros agentes das novas gerações, cumprir a sua missão altíssima, sem desânimo? A fonte renovadora das energias necessárias, para caminhar em frente, está na consciência do dever que lhe cabe em ajudar os outros. De contrário, fechar-se-ia no seu comodismo e na indiferença. É a causa de muitas desgraças, no campo educativo, que não foram acauteladas no tempo oportuno. Quantos filhos, quantas crianças, vivem em meio social degradado, porque não foram acompanhadas, de forma responsável, pelos seus educadores?

Dentro de poucos dias, mais um filho entrará na nossa Família. A mãe morreu. O pai fugiu para outra terra. A criança ficou, praticamente, abandonada nas mãos dum familiar que não tem capacidade para a educar. Já tem dez anos. O caminho da liberdade responsável não começou no momento certo. Vamos tentar ajudá-la. Na medida em que o amor actuar, surge uma vida nova. Ai do educador que não trabalha

debaixo da luz do amor! Poderá ser um bom técnico, mas não será o construtor do verdadeiro agente da solidariedade social. A pessoa normal é solidária. Ama e faz o mundo novo. Não é verdade que as grandes desgraças sociais têm uma das raízes no egoísmo? Não é verdade que a resposta eficaz, preventiva e curativa, está na consciência de que não somos apenas nós mesmos sem os outros? Lancemos um olhar atento sobre o mundo, ao largo e ao perto. Vamos amar mais, sempre mais!

Subi ao morro vizinho, acompanhado daquela mãe, já muito idosa. Perdidos, no meio do aglomerado de barracas e construções miseráveis, parámos junto da casinha onde ela vive. Está cheia de ranhuras e vai cair, quando vierem as primeiras chuvas. Por isso, há que prevenir. O mestre da obra que vai renovar a habitação, recebeu o dinheiro que lancei nas mãos da avó. Recebi esta migalha tão rica, de muito valor humano,

alguns dias antes, através dum cheque enviado pelo correio. Veio do povo de Portugal. Estamos à espera de mais! Ao irmão e amigo que não se esquece de partilhar do que tem, para que nunca lhe falte o necessário para viver, toda a nossa gratidão.

Foi um momento feliz. Durou dois dias. Como não temos ainda o tractor necessário para cuidar dos nossos campos, pedi a um grande Amigo, de Benguela, que nos ajudasse com um dos seus tractores. Assim aconteceu, com a mesma prontidão de sempre. O espectáculo do terreno lavrado e preparado para novas culturas fez-se diferente. Dar as mãos com o coração bem vivo é a única solução geradora de estruturas e vidas novas. Pedimos, escrevemos e esperamos a resposta consoladora. Quando virá? Ao escrever esta Nota estou a lembrar-me dos momentos antes de começar. Um casal, proprietário dum hotel, no Lobito, quer o abastecimento de produtos hortícolas do nosso campo. Que bom! Outros, por certo, seguirão os mesmos passos. Necessitamos, com urgência, do tractor! É uma lembrança muito fraterna e amiga que lanço na vossa mente e no vosso coração. □

PENSAMENTO

Pai Américo

O nosso prelo é púlpito. Eu tenho obrigação de pregar. É preciso que saibamos que nem sempre são direitas as linhas por onde Deus escreve. Os nossos caminhos não são os caminhos d'Ele. Aquilo que parece ser uma adversidade, pode redundar e redundar sempre num bem, se nós temos a felicidade de possuir a intuição do Divino. □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

ESCOLAS — Finalmente, arrancaram as aulas para todos os Rapazes (25) das Escolas de Miranda do Corvo, que bem precisam de se agarrar ao verbo. Os livros e os materiais escolares têm de ser estimados, pois são caros. Devemos respeitar os nossos colegas e Professores, pois eles querem ajudar-nos a ser homens!

VISITANTES — A 10 de Setembro, sábado, de tarde, recebemos uma agradável e simpática visita do Grupo de Nossa Senhora do Sim, constituído por cerca de meia centena de pessoas, das paróquias de Valbom e Baguim do Monte, orientadas pelo senhor Diácono A. Jesus Cunha. Bem-hajam, bons amigos!

AGROPECUÁRIA — O Verão deste ano despediu-se ainda com algum calor. Como a malta esteve de férias escolares, deu-se uma arrumação de alguma lenha, no barraco, para a nossa lareira. Alguns Rapazes fizeram sorna. Temos uma ninhada de coelhos. Infelizmente, morreram mais dois ovinos. Como a nossa passadeira estava com a rede estragada, arranjou-se, outra vez, para termos, de novo, alguns cantadores! Um dos galos, neste ano lectivo, que se ouve bem ao longe, do galinheiro pode ajudar alguns sonolentos...

ÁGUA — A nossa fonte é preciosa. A água vem de uma mina que o nosso Pai Américo mandou explorar num monte distante mais de meio quilómetro. O motor, na casa das máquinas, que puxa a água para as tubagens, tem dado sérios problemas. Às vezes, ficamos sem água nas torneiras.

PISCINA — Temos aproveitado, ao fim da tarde, para dar alguns mergulhos, depois de uma futebolada renhida. E a malta não se cansa de se atirar à água. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

NO FIM DA LINHA — Nos tempos que correm estão a surgir no País iniciativas de natureza variada da sociedade civil com o objectivo de contribuir para a resolução de problemas sociais, sejam eles a pobreza e outros. É muito bom que assim seja. Nunca seremos demais nestas causas. Uma característica de grande parte dessas iniciativas é a de serem projectos que procuram fazer a mediação entre as pessoas com vontade de contribuir para a resolução de problemas sociais e as organizações, nomeadamente as IPSS's, que, no terreno, lidam directamente com pessoas em situação de exclusão social. Um dos casos mais conhecidos de projectos de mediação desse género é o Banco Alimentar.

Sem menosprezar, de maneira nenhuma, o muito mérito destas iniciativas, tem-se visto menos surgirem projectos que instituem organizações que fiquem, de uma forma permanente, no terreno, a lidar directamente com as situações de exclusão social, ou seja, instituições que estejam no "fim da linha". Há projectos que vão surgindo no terreno para estas situações, mas alguns têm uma natureza temporária. Quando se lhes acaba o financiamento, o projecto acaba.

A Obra da Rua e as Conferências Vicentinas são organizações de "fim de linha" que andam no combate à pobreza de uma forma permanente. Não acabam quando o financiamento acaba. Lutam com as mesmas dificuldades próprias de quem está no "fim da linha" onde todos os problemas se concentram. Muitas vezes, por mais que se faça, não conseguimos que os comportamentos das pessoas que acompanhamos mudem, ou só conseguimos que mudem um bocadinho. Não ignoramos, nem enfeitamos as colaborações que possam vir doutros lados para fazer com que as coisas mudem, mas no "fim da linha" há casos que são já quase irreversíveis. No entanto, não é por isso que deixaremos cair essas pessoas, bem pelo contrário.

Dito isto, no "fim da linha", também se pode e deve prevenir, por exemplo, ajudando os filhos de pais cujos comportamentos já dificilmente mudam, ou sem meios para dar aos seus filhos um futuro melhor. Também fazemos isso.

Voltando, ao princípio, sem menosprezar o mérito dos novos projectos que fazem a mediação com as organizações que estão no "fim da linha" como as Conferências Vicentinas, que surjam mais organizações e pessoas que, tal como os Vicentinos, de uma forma permanente e no terreno, se envolvam no combate à pobreza e a outras formas de exclusão social.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

Foi com este grupo de trabalho que acabámos a época 2010-2011



PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Na semana passada vindimou-se o «loureiro» e, posteriormente, as outras castas. Esta semana iniciámos a uva preta. A malta tem colaborado bastante e isso reflecte-se na quantidade de uvas vindimadas.

CASA 3 — Ao fim de alguns meses de restauro, a casa 3 abriu portas. Já distribuimos os rapazes. Respigámos alguns da casa 2; outros, da casa 4, andar de cima. Na casa 3, no piso cimeiro, ficou como chefe o Chico Pina, será responsável dos rapazes de idade média (adolescentes), e no andar fundeiro, ficaram os estudantes que têm escola no Porto, a chefiar estes ficou o nosso chefe-maioral.

RAPAZES NOVOS — Chegaram, há já algum tempo, dois irmãos oriundos da Guiné. Como é natural nestas circunstâncias e devido à *praxe*, que entre nós estabelece regras muito sérias — e que gostaríamos de ver em outras do género — o irmão mais velho entrava em defesa do mais novo quando alguns dos nossos rapazes implicavam com ele. (Curiosamente, já no tempo de Pai Américo, este *chegar de novo* merecia atenção especial — e quantas páginas, belíssimas, deste acontecimento nos deixou escritas para nossa memória!). Agora, já se sentem mais ambientados. Aqui deixamos o nosso abraço ao Inalieu e ao Gibril e o nosso desejo fraterno de boa integração.

Passado dias, vieram, também, dois irmãos da Guiné: o Fábio e o Dário, a quem fazemos o mesmo voto.

Somos a grande Família da Obra da Rua...

LAR DO PORTO — O Lar do Porto que esteve fechado durante o terceiro período do ano lectivo passado, reabriu na semana passada e terá como responsável e zelador do seu bom funcionamento, o Zé Reis.

Ressalvamos o lema da nossa Obra «de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes», com o desejo de bons frutos para o ano lectivo que começa.

Zé Reis

DESPORTO — Começou a época desportiva; começou a faina dos fins-de-semana! Espero que todos tenham vontade de trabalhar; e que venham com espírito de sacrifício e disciplina. Somos contra qualquer tipo de *anarquia*, mesmo daquela que, se diz inofensiva... Como fosse possível destabilizar e não causar estragos!

Vamos ter que trabalhar no «duro», para conseguir os objectivos pretendidos. Apesar de termos Rapazes com *pés extraterrestres*, é necessário formar um grupo forte e coeso. Já fizemos o primeiro treino e, agora, vão seguir-se mais alguns, até se encontrar a equipa ideal. É certo que no dia 24 de Setembro vai ter lugar o primeiro jogo/treino, muito embora não se trate de qualquer clube federado. É apenas um convívio.

Espero que as férias tenham servido para fazer uma reflexão... Fazer parte do nosso Grupo Desportivo, não é uma brincadeira qualquer — para nós! Trata-se de um trabalho sério e com a finalidade de servir a comunidade, especialmente, todos aqueles que dele querem fazer parte. Gostamos de trabalhar no terreno e não opinar... a partir do sofá — o que é mais cómodo e não causa grande transtorno!...

Este ano, o nosso *Presidente* foi ao mercado e «contratou» quatro caras novas — foram baratinhas! Bem é preciso, já que o plantel começa a ficar desfalcado e, como diz o ditado: «sem ovos, não se pode fazer omeletas». No entanto, que ninguém se iluda: *só faz falta quem está!* Precisávamos de mais alguns... que gostem de dar o corpo ao manifesto. «*Tem-se escutado aos ignorantes um reparo muito severo à nossa organização com estas palavras textuais: "Fulano diz ser muito amigo dos rapazes mas obriga-os a trabalhar". (...) Ora a razão da minha amizade por estes rapazes consiste em levá-los mansamente ao gosto pelo trabalho*» — Pai Américo.

Nós também gostamos que todos se apliquem nos treinos e nos jogos, para depois não atribuírem defeitos ao árbitro que, como sempre, é o «mau da fita». Não sei se já repararam no nosso *Facebook*, mas o árbitro oficial dos nossos jogos, apresenta-se tal e qual como as altas instâncias do futebol o exigem. Tem que ser!

Vamos ver o que o futuro nos reserva, mas estou convencido de que com trabalho e algum sacrifício, vamos voltar a «dar cartas» esta época.

Alberto («Resende»)

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Espigas ao sol

É inegável que a nossa sociedade, actualmente, atravessa *dias difíceis*. Serão *dias maus*?

O nosso mundo vive preocupado com o terrorismo, em que é emblemático o 11 de Setembro, há 10 anos. Entretanto, os motins no Reino Unido despertaram-nos para o acréscimo da delinquência juvenil; pois, foram detidos centenas de jovens e condenados, como um

rapaz de 11 anos... Das falências e endividamentos e dos *paraísos fiscais*, sobressai sombriamente a ausência de ética económica que conduz a maiores dificuldades para os Pobres, daqueles que sofrem privações do essencial para a vida.

Os novos desafios exigem empenhamento, não nos acomodando a este mundo. Se não conseguirmos passar por cima das dificuldades, podemos

ultrapassá-las por baixo. Sim, agachando-nos, com paixão e compaixão.

Às portas da abertura do novo ano escolar, entre nós, tocou um sinal significativo de alerta: — *Já não vêm sobras de pão, há um mês...*

Para além das refeições principais, os filhos desta Família têm de levar para as escolas, nas sacolas, as suas merendas, em que não deve faltar o pão.

Com Deus providente, há-de colaborar a criatura humana, na acção e na súplica; pois, *Ele dá o alimento a todo o ser vivo*.

Por esta razão sublime, batemos à porta de outros fornos; e a multiplicação, sobrance, até ao

momento, tem acontecido! *Louvada seja a fartura, que a fome ninguém a atura*, diz o nosso povo.

Depois, não foi preciso arrancar espigas ao sábado, para a rapaziada colher aquele cereal nas linhas de uma terra fundeira. Na Primavera, tínhamos mercado um alqueire de milho regional, na feira. Não cresceu tanto como o híbrido; contudo, os seus grãos alvos, nas espigas ao sol, são uma beleza pela sua pequenez e marcaram a diferença.

Não havendo espigueiro nem eira, tão belos em terras minhotas, com algum pinho dos montes improvisou-se um celeiro

rústico, onde foi guardado como um tesouro para distribuir pelas mesas.

Não foi escolhida como maravilha gastronómica, mas a broa caseira ajudou a nutrir tantas gerações de avoengos, que guiavam as águas com pés calejados em torrões negros.

Para além do aproveitamento do pão defeituoso e que não foi vendido, o forno desta Casa vai voltar a receber e a dar outra fornada de pão. Há pequeninos que o adoram e ainda não viram as voltas da farinha, na masseira, até entrar, com uma cruz, no calor abrasador. E crescer e



MALANJE

Padre Rafael

O Fernando Ambriz

É muito cedo e Toy, um dos «Batatinhas», está a limpar o chão dos quartos. Normalmente os pequenos fazem, ao fim-de-semana, este tipo de trabalho. Perguntei-lhe então?, e ele respondeu-me: «Morreu o Professor Ambriz»; e continuou com a sua tarefa.

Fui para junto das Irmãs, com alguns gaiatos, para preparar o corpo do falecido. Mas, antes, paramos para recolher os documentos do óbito. Quando cheguei ao átrio, o médico reconheceu-me e perguntou à enfermeira se estava tudo tratado. Claro que não estava, nem o médico tinha luvas ou máscara para cuidar dos doentes... Reparou que fiquei aborrecido; e fui preparar o corpo do tio Ambriz; voltaria depois para levantar o documento.

Sempre que tenho de fazer este tipo de coisa com um ente querido, penso que ele me está a observar de um lugar qualquer, a ver se estou a fazer as coisas com o cuidado que merece. E sempre, durante este trabalho, não consegui evitar que se me escapasse uma lágrima. Comigo estavam alguns gaiatos que me ajudaram a vesti-lo.

Depois, regressei novamente ao hospital para recolher o documento. Alguns minutos depois, uma enfermeira veio pedir desculpa pelo atraso, justificando-o com uma reunião.

Já a caminho de Casa precisava preparar a Missa e esperar a chegada do corpo. Não tardou muito a aparecerem familiares, amigos e catequistas... a Capela estava cheia. Tivemos algum tempo para agradecer a Deus pela vida do tio Ambriz e pedimos-Lhe que o levasse para o Céu; onde esperamos um dia nos encontrar.

Fernando Ambriz foi recebido nesta Casa do Gaiato pelo nosso Padre Telmo, com a idade de 9 anos, na década de 1970. Quando se deu a Independência e o Padre Telmo teve de regressar a Portugal, fez parte de um grupo de rapazes que se ficaram pela Carianga. Mais tarde, o Governo tomou posse da fazenda e todos aqueles rapazes tiveram de refazer a sua vida.

Durante os anos 90, quando foi entregue, novamente, ao Padre Telmo a Casa do Gaiato de Malanje, não tardou muito a intergrar-se nela como professor, na nossa Escola. Durante esse tempo, casou e formou família da qual nasceram sete filhos.

Sempre foi considerado um homem de grande sensibilidade. Seu amor pelos Rapazes e pela Casa do Gaiato ficou enormemente demonstrado pela sua fidelidade à Obra da Rua. Ele sempre viu na Casa do Gaiato a sua família e dedicar-se a ela foi o maior sinal de gratidão que nos poderia oferecer. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Férias

As férias escolares estão a acabar. Quando leres estas simples notas já as aulas terão começado e a exigência do estudo a crescer.

Numa Obra de Rapazes, com pedagogia própria, as férias deixam-nos lições.

O próximo ano será aproveitado com mais atenção.

Nós, isto é, os rapazes, não fazemos férias burguesas, de hotel, com tudo pago e servido. Não senhor! Raramente alguns gaiatos ganham craveira social e económica para se instalarem em hotéis. E, se lá chegarem, não o devem fazer, de ânimo leve, pois há que ter sempre diante de si o próprio passado. Quantos, agora a crescer, precisam da sua ajuda; e mais ainda, quantos pobres exigem que as suas sobras sejam repartidas por eles e que não se instalem na vida, levados pela atracção do mundo.

O ambiente cultural influi sobretudo os mais jovens e menos maduros. Pensar que férias é não fazer nada e ter tudo, além de errado, é também, prejudicial.

Alguns, poucos felizmente, na casa da Arrábida iam para a praia de má vontade, porque, diziam, o mar ficava longe. Indignado vi-me impelido a chamar-lhes burgueses e a mostrar-lhes quanto sofriam milhares de pessoas que, para terem praia, deixavam o carro muito longe, desciam a Serra até à praia, onde almoçavam umas sandes e fruta, voltando, à tardinha, a subir de novo a Serra, para regressarem a sua casa, vencendo um trânsito difícil.

A nossa casa fica a menos de um quilómetro do mar. O subir e o descer é feito, não por carreiros ou escadas, mas por estrada alcatroada e de piso fácil.

Para estes *senhores*, no próximo ano, irei buscar, às costas, o mar e pô-lo-ei pertinho deles, para que se possam banhar sem grande esforço e quando lhes apetecer. Trarei também a areia fina e longa da praia, para que se espreguicem nela ou joguem o que lhes for mais agradável.

Com desgosto, lhes mostrei o erro e a ilusão deste sonho e espero que tenham compreendido.

Mais, a comida, a limpeza, e a ordem são trabalhos constantes que é urgente executar e repartir por todos.

As Senhoras, sim, ajudam, orientam e acarinham, mas não dispensam a colaboração dos rapazes na confecção das refeições, no arrumo da sala-de-jantar e na lavagem da loiça.

É muito útil verificar que as férias são ainda uma ótima oportunidade para aprendizagem de tarefas mais exigentes, como a cozinha e a vacaria. Durante o ano lectivo não é possível, mas neste intervalo, de dois meses, é oportuno colocar alguns mais velhos e mais capazes a fazer comida, a ordenhar as vacas e a alimentá-las, para que ao longo do ano possam revezar, no fim-de-semana, aqueles que prestam diariamente estes serviços.

Dividimos os rapazes em dois turnos, a gozar férias na Arrábida. Os que ficaram em Casa regaram a vinha, fizeram a poda verde e mataram, à enxada, as ervas daninhas que iam surgindo. Prepararam caldeiras e regaram os pomares de citrinos com mais de quinhentas árvores. Podaram-nas, puseram-lhes adubo e curaram algumas pragas, em todas, por duas vezes.

Limparam as valas com grandes silvas e canaviais, para que a drenagem das terras se faça convenientemente, no próximo inverno, e as águas não invadam as terras asfixiando a forragem indispensável à alimentação do gado.

A floresta também foi cuidada. Os pinheiros e os sobreiros, ainda novos, foram regados de forma a não sofrerem, mas antes a desenvolverem-se com o calor que os bafejou.

Também nas limpezas da Casa onde vivemos, a qual leva sempre uma volta todos os anos — tal como na casa da Arrábida que serve tantos grupos de pessoas que ali se encontram com Deus e consigo próprias — aqui os rapazes arranjaram camas e cadeiras partidas, lavaram paredes e janelas, repararam as casas-de-banho, com sanitas deslocadas, lâmpadas fundidas, toalheiros e saboneteiras desaparecidas, torneiras a pingar, etc...

O chão é esfregado, encerado e as madeiras lixadas e conservadas com produto próprio. Um trabalho enorme que ninguém imagina.

A casa da Arrábida situa-se, num dos mais belos recantos do mundo, envolvida por um microclima único, mas a sua conservação torna-se pesada à Casa do Gaiato de Setúbal.

O Rodrigues, que veio ali passar os seus quinze dias de férias, envolvido nesta luta de limpeza e na ordem, não se cansava de instar comigo: — *Ponha preço. Uma noite aqui, vale por mil noutros sítios. Olhe que as pessoas nem sonham o que isto custa. Veja lá, ao menos cinco euros por dia e noite, a cada pessoa. Olhe que ninguém avalia!*

Vejo que o rapaz tem sofrido. Ele, a mulher e os nossos, que voluntariamente se ofereceram, e as sacrificadas Senhoras. Não é só o trabalho, mas a falta de sensibilidade de quem utiliza uma jóia destas. Mas eu não sou capaz.

Vou publicar e pôr, em cada quarto, uma referência ao custo, à beleza envolvente e pedir a colaboração e a ajuda de todos, mas marcar preço não é comigo.

A casa é sagrada, adquirida e conservada com valores santos, muitos sacrificados.

Não vou profanar, que o façam, se assim o entenderem, os seus utilizadores. Nós, não.

Oficinas

As nossas escolas oficinais de carpintaria e serralharia, estão sem trabalho.

Temos mestres competentes e máquinas capazes de executar todas as encomendas, por mais difíceis ou grandes que pareçam.

Os rapazes precisam de aprender. Os mestres de ensinar e ganhar!...

Dar-nos trabalho é, neste tempo, uma boa ajuda. □

DOUTRINA

Pai Américo

Comícios caseiros



NUM comício caseiro de gente que vai à Missa, discutia-se a Obra da Rua; e que era preciso chamar a contas o fulano (eu) e saber dele (de mim) para onde vai tanto dinheiro. Melhor fora que viessem apalpar as obras, porque vê-las, não. São cegos. O género comiceiro, mesmo que vá à Missa, fala mas não entende, olha mas não vê.

Já antes da Obra da Rua começar as obras em Paço de Sousa, um outro comício caseiro mostrava outra preocupação: «Mas ele (eu) cuida que vai arranjar o dinheiro? Aonde? Está doido!»

Ora muito bem. Postas as coisas, vamos a um bocadinho de doutrina, também caseira.

A dúvida dos do último grupo deve estar há muito dissipada. Eles são testemunhas. As obras nunca mais pararam e ninguém se queixa de que a gente não tenha honrado os seus compromissos. Todos os compromissos. O dinheiro veio, está vindo, virá. As obras estão à vista. Pena é que, morando os duvidosos perto delas, só de longe as enxerguem. Remorsos?... Quem dera!

Quanto aos do segundo grupo, os das contas, vão dar ao mesmo sítio, ainda que por caminho diferente. Uns afligem-se porque se recebe muito dinheiro, outros porque

jamais se receberia; e tudo isto quer simplesmente dizer ausência de espírito de fé. Mais nada. Mais nadinha.

ORA nós, meus senhores, recebemos, na verdade, muito dinheiro, sim, mas notem que não é porque o pedimos. O pedir é um acidente da nossa Obra. A essência é outra e é justamente por ela que nos vem tudo. Se amanhã suspendêssemos O GAIATO e os Padres da Rua fizessem o mesmo à sua voz sem, contudo, deixarem de ser fiéis; se assim acontecesse agora ou venha um dia a acontecer — meus queridos senhores, nada de aflições. As obras não-de continuar se ainda forem precisas; e os donativos não-de afluir na medida em que deles houver necessidade. Esta doutrina é certa.

HÁ muitas obras congéneres no mundo, aonde os responsáveis se queimam em silêncio e as coisas vão lá ter. O que importa é a gente queimar-se, oh!, homens de pouca fé! O que importa é amar, oh!, homens de pouca fé! O mais é acréscimo. Vem por acréscimo. Quer dizer: Deus não deve nada a ninguém; mas uma vez que por misericórdia diz que sim, dá sempre mais, muito mais. O Seu poder está aqui. A Sua medida é esta.

ORA eu peço aqui muita desculpa se porventura sou impertinente, mas a verdade é que eu vejo tudo tão claro e tão simples à luz do Evangelho, que nunca dei fé da tal grandeza da Obra que espanta o mundo, a ponto de tanto mundo falar dela! Nunca dei fé!

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

cozer em saborosas sêmeas, que nunca mais se esquecem, mesmo com o rolar dos anos... Não haverá dúvida que nós gostamos de comer aquilo que os nossos pais partilharam connosco e nos ensinaram a saborear, até as melhores lembranças!

Disse S. João Crisóstomo que os cristãos não podem perder o hábito de ter um pedaço de pão pronto em cada casa, para aqueles que são acolhidos.

Esta preocupação e ocupação foi caldeada por uma distração da garotada. Nestes dias, veio ao de cima, entre os miúdos, argutos e empoeirados nas suas descobertas, a caça aos gafanhotos e outros bichos.

Não fosse uma brincadeira da pequenada, que vai conhecendo as criaturas também fora da internet, não relacionávamos com as situações em que tanta gente tem sucumbido na histó-

ria do mundo: *espada, fome e peste*.

Neste tempo que nos é dado viver, são urgentes as obras de misericórdia; pois, a malvadez não tem a última palavra.

A carência e a distribuição injusta do pão deixam tantos seres humanos na inanção. Não deveria faltar a ninguém um pedaço de pão, no qual está um pouco do mundo, que se revolta sem ele. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

COMO dizia da última vez, deliciei-me com a leitura do *Pão dos Pobres* e de outros livros de Pai Américo, enquanto estive no Portinho da Arrábida. Ora o que intuí melhor e sempre mexeu comigo, é a forma como Pai Américo fala dos Pobres que visita. Uma coisa é saber que os há; outra é ir até eles; mas o que acontecia com Pai Américo era diferente. Ele sofria as dores do Pobre e transportava-as para os seus escritos. Não como alguém que pede socorro para eles, mas como se fosse ele a sofrer e quisesse levar até aos outros a sua dor. Ele via em cada um o Cristo Crucificado e sentia no coração o peso da cruz que transportavam. E a voz interior dizia-lhe: «Vai e faz o mesmo». «Eu sou um mandado», parece-me estar a ouvi-lo. Por isso, também quando convidado a falar em Fátima, ele disse que só sabia pregar a Cristo e esse crucificado no Pobre. E «quando Cristo andou no mundo, pisou a terra com o coração». O abandono dos Pobres à sua cruz, era uma lança metida no seu coração. Por isso, *um insatisfeito, um sofredor um revolucionário pacífico*.

Olhando ao que foi o Américo Monteiro de Aguiar, em África, que sem esquecer os pobres da sua terra, era «um estúrdio, divertido e folgazão» a quem as libras, em ouro, no bolso pesavam tanto que pediu ao Caixa para lhe pagar em papel, vemos nele um homem comum que não podemos deixar de chamar bom pelos seus sentimentos, como a qualquer outro. A partir do momento em que sentiu o apelo do Outro e se fez pobre voluntariamente, começou a aprender do

próprio pobre que a verdadeira riqueza é interior e que só sendo pobre é possível amar o pobre, com um coração disponível para todo o sofrimento e todo o empenhamento que isso possa exigir. Por isso, ele dizia que *a nossa riqueza é a nossa pobreza*. Aprendeu-o com eles. Ora, e é aqui que eu quero chegar, também nós, padres da rua, vivemos esta pobreza, que é o único fundamento seguro e verdadeiro da vida de entrega a que fomos chamados. Sirva isto para elucidação de quem nos julga como simples padres diocesanos. Até ao Padre Baptista que está absolutamente identificado com os seus, o julgaram a mais ali. Isso é um ultraje ao *Fundamento da Obra da Rua e ao Teor dos seus Obreiros* que ele nos deixou.

Quando me preparava para regressar a Moçambique, em 1991, com o coração em alvoroço, muito me interroguei, sobre este desejo incontido de voltar. Parecia-me ultrajar a missão, ao conhecer a nova realidade, e era como estar num ponto alto a dominar o horizonte. Fazia-me vertigens este pensamento: — Que é que eu tinha mais que outros para trazer aos Pobres desta terra? — A própria ideia de ter muito que ensinar, porque até então muito aprendera, me parecia aberrante. Era julgar-me superior, se vinha para aqueles que Ele mais ama e perante Ele nada sou. Tive de reaprender a amar para merecer vir. E lá estarei dentro de dias, para fazer tudo o que puder pelos que me estão confiados. Antes de mais, pelos meus filhos. Depois, ainda um pouco até onde as forças permitirem, pelo desenvolvimento das comunidades. E, finalmente, felicidade a minha, para receber o Padre Quim, que vem de Angola para trabalharmos juntos. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

NESTA quinzena vali a situações de desespero, das quais apenas vou referir uma.

Família que já viveu bem, quando ambos trabalhavam. Agora, perderam o emprego ao mesmo tempo, não arranjaram trabalho e começaram a sofrer e a desesperar. Ele, ela e mais três filhas.

Mudaram de casa e de ambiente, para uma situação mais económica, mas um sítio muito degradado. «*Aqui ninguém dorme. É reboliço toda a noite. Vem a polícia com a sua sirene e o alarde próprio. Há gritos, insultos, corridas e ameaças. É a prostituição e a droga. Um mundo incrível! A gente não estava habituada a isto*». A mulher não contém os soluços, enquanto relata, na sala pobre onde nos recebe. A filha atira-se para cima da mãe procurando consolá-la: «*Não chores, mãe, não chores que eu não gosto*».

O marido dormia àquela hora da tarde, pois tinha passado a primeira noite de trabalho.

Ouvimos, ouvimos e eu procurei abreviar a conversa, mas via que a senhora tinha necessidade de desabafar. Acompanhava-me uma Amiga que, sofrendo, me apresentara o caso.

Trabalhar, mesmo de noite, já é bom. É um princípio de esperança! Uma luz, mesmo que ao longe, alumia a escuridão. Concretizámos, pois, pagar-lhe a renda, a caução daquela casa e a água. Trouxe-a comigo à Casa do Gaiato, onde aviámos tudo o que é mais primário para a cozinha. Em casa, tinha-nos apresentado uns taparueres rectangulares de comida congelada, oferecida por um restaurante. «*É isto o que comemos. Nem pão nem fruta. Só isto*». E os soluços começaram de novo.

Acalmei-a quanto pude. — *Estamos a seu lado. Somos enviados por Deus que nunca abandona os filhos. Olhe que eu creio firmemente no que lhe digo*.

Tratar destes pobres é bem mais fácil e mais agradável do que de outros já caídos na degradação, aos quais, tantas vezes, nem sabemos por onde pegar.

Há muito que não acuso o que me vai chegando e tenho medo de ser controlado por aquilo que publico. É que há pessoas já ajudadas, muitas vezes, que ao lerem-me, voltam de novo.

Ajudamos numa situação concreta. Não podemos estar sempre a dar aos mesmos. Somos contra a pedincha.

Como me é impossível, por falta de saúde e tempo, conferir todas as situações e, como alguns são peritos em enganar, digo com simplicidade que não tenho, que não posso — o que também é verdade.

Isabel, de Lisboa, escreve-me, duas vezes, e diz «*A Obra do Padre Américo continua a ser um orgulho para todos os portugueses*». Ela e a sua família rezam por mim e enviam 750+800 euros.

Outra manifestação do Espírito brota daquela assinante que, há muito, emprestara, sem juros, dez mil euros. Há tanto tempo, que pensara já não recuperar nem exigir tal quantia. Veio agora a primeira prestação e, ela, quis oferecê-la aos pobres — quinhentos euros.

O João, de Mira, sempre com cartões de elevada estima e fé, envia duzentos euros, duas vezes, sendo uma para cobrir dois meses e outra, com mais cem, a uma santa viúva da mesma Vila.

A mesma quantia da Dolores, do Porto, e da Arlete, de Lisboa. A Dolores, volta, de novo, com carta de muita amizade e envia mais trezentos, e pede a Deus «*que ajude quem vós ajudais*».

Um casal amigo, que celebra 46 anos de matrimónio e dá graças a Deus, também com trezentos para os pobres. «*Para os mais necessitados*», da Maria da Glória, 150. Mil e quinhentos, duas vezes, do Tiago. «*Uma gota de generosidade*» a desejar-me as melhores, mil euros. Cinco mil, do Guilherme. Reembolso do IRS 916.73 euros e o desabafo: «*Encanta-me o que Ele faz pelos pobres*».

«*Nestes tempos do Senhor que, por vezes, são bem difíceis, venho entregar-lhe esta quantia que eu poderia gastar em meu proveito ou dos meus, mas creio que, nas suas mãos, renderá 100 por 1 e irá ajudar uma família a ter uma habitação mais condigna de um Filho do Homem*», Leitora assídua d'O GAIATO, mil euros.

«*O Jornal põe-me inquieta. É verdade que, por vezes, é sol de pouca dura, mas não deixa de mexer comigo e senti que, como cristã, não o devo ser só de fachada*», mil euros. Um político, de Lisboa, quinhentos. Trezentos, da Fernanda, que tem sido muito assídua. Assinante 22890, «*120 para o Património e cem para os nossos Gaiatos de Setúbal*».

Um colega dos primeiros anos de seminário a pedir-me que tenha cuidado com o trombone, 250. — *Deixa lá Zé, ninguém descobre quem se atreve a falar assim*.

Cento e cinquenta por transferência. São vários os leitores que usam esta forma para enviar a sua esmola. Muitos me pedem o NIB do Património; ele aí vai: 0045 3440 402183564277 8, na Caixa de Crédito Agrícola.

Aguiar da Beira marca presença, duas vezes, com 100 e 150. Cento e vinte e cinco, da Maria de Lurdes, e o mesmo da Rua de Pedrouços, de Lisboa.

Cinquenta, da Susana, mensalmente; do Afonso, com a mesma regularidade; e do Hugo Jorge, uma vez. A Júlia, a Maria Revez, a Adelina, Maria Helena e a Comba com cem cada uma.

Setenta, de Évora; 250, do Jorge; e trinta, da Maria Graziela.

Tudo ponho no altar do Senhor a Quem me ofereço, com Ele, diariamente. □

Assinaturas d'O GAIATO

Estamos neste momento a rever a lista dos nossos assinantes. A lei do antigo «Porte-Pago», agora designada de «Incentivo à Leitura», empurra-nos para a obrigação de verificar os assinantes que há mais de um ano não contribuem para a sua assinatura. Nós que sempre dizemos às pessoas que se fazem assinantes d'O GAIATO, que a assinatura não tem preço, que contribuirá para a mesma quando quiser, quanto quiser e como quiser, temos de dobrar a língua nesta altura porque para cumprir a lei fia tudo mais fino. É que se tivermos assinantes em falta no pagamento da sua assinatura, com mais de um ano, perdemos o direito de sermos ajudados nos custos da expedição, pelos CTT, dos jornais que enviamos aos nossos assinantes, ajuda que é muito significativa.

Para verificar o nosso cumprimento da regra descrita, poderemos ter a visita de quem de direito. Para que tudo esteja aceitável e regular pedimos a colaboração dos nossos Amigos e Leitores, procurando actualizar as suas assinaturas no caso de ainda o não terem feito, e ainda nos darem conhecimento ou sensibilizarem outros para esta necessidade legal. Se algum assinante por qualquer motivo tenha de suspender a sua assinatura, agradecemos que também nos seja dada essa informação.

Encarecidamente fazemos este pedido, que sabemos em breve dele teremos eco.

A Administração

TERRORISTA SILENCIOSO

Padre João

O cancro é isso mesmo: um «terrorista silencioso»... Amigo nosso de há longa data, sacerdote como nós, também não foi poupado, quando ainda tanto havia a esperar da sua acção apostólica. Ontem, Domingo, 11 de Setembro, fomos visitá-lo. Junto dele estavam outros dois irmãos sacerdotes, quando chegámos, e mais algumas pessoas amigas que lhe vão prestando atenção e cuidados, desveladamente.

Achámos esta comparação bem forte e expressiva por exprimir uma realidade humana, de debilidade física, implacável e que vai fazendo vítimas, sem seleccionar idade nem condições sociais.

A este Padre devem, muitos jovens, rapazes e raparigas, o norte da vida e a descoberta da sua vocação na Igreja e Missão no Mundo. Persuasivo e frontal, exercia forte fascínio no mundo da Juventude, tanto como professor — que foi durante anos a fio — como também animador-coordenador de grupos juvenis. Algumas vezes, pudemos constatar-lo, interplámos alguns deles

desta forma: «Quem é o animador do teu grupo?»... Resposta pronta: «Jesus Cristo e o Padre Armando!» — O Padre Armando era um apóstolo de Jesus Cristo no Mundo da Juventude... Não se anunciava a si mesmo, tão somente a Jesus Cristo, frequentemente, com palavras e atitudes do Percursor, isto é, sem rodeios nem paliativos, de forma enérgica. Apaixonado pela pedagogia catequética e evangelizadora do Movimento dos Convívios Fraternos, fez chegar a muitos jovens o anúncio de Jesus Cristo e uma interpelação forte a seguir-lo nos caminhos da vida. Mercê dessa acção, bastantes seguiram o caminho do sacerdócio e da vida religiosa activa e contemplativa. Mas é na vida laical que a maioria deles encontrou o caminho feliz de um «4º Dia Grandioso».

Padre Armando: que o teu sofrimento seja oferecido como oblação ao Pai e aceite por Ele, quando vemos o teu corpo e forças a definhar... Jesus anda a aprimorar a taça do teu sacrifício, no sofrimento, para que a

tua oblação seja como nuvem de incenso ao Trono do Cordeiro, consumada no altar do teu coração sacerdotal.

Pelas vocações todas, sem especificação, que têm como raiz a opção baptismal. É o desejo que te consume. Não leves a mal que te sugira, contudo, as de especial consagração, para que seja mitigada a «sede de almas» que continua a consumir o coração de Jesus e o teu, também, no sofrimento. Estamos em sintonia com o teu cálice de sofrimento misturado ao de Cristo Sacerdote e Vítima. Já percebemos que nada de especial pedes ao Pai, senão que, como Jesus, se cumpra a Sua vontade. Não te falte a Sua graça, o amparo da Mãe da Igreja, a certeza e a companhia dos amigos; os cuidados certos e adequados que Deus pôs nas mãos dos homens «para que leves, mas não arrastes a tua cruz dolorosa».

Pedimos-te que diante do teu sofrimento, co-redentor com o Cristo, te recordes de outros terrorismos implacáveis, que, de forma dantesca ou silenciosa, ofuscam a Glória de Deus no rosto do homem vivo e a paz na terra que Ele deseja habitar, como casa Sua. □